

Footrot em ruminantes no Sul do Brasil e Uruguai

L.A.O. Ribeiro
Departamento de Medicina Animal
Faculdade de Veterinária
Porto Alegre – Brasil
E mail: bertorib@adufgrs.ufrgs.br

O Sul do Brasil e o Uruguai possuem juntos uma população ao redor de 30 milhões de ovinos. O sistema de produção extensivo e as condições ambientais favorecem grandemente o aparecimento de enfermidades podais. O footrot é, sem dúvidas, a principal causa de enfermidade podal na região, sendo talvez superado em ordem de importância econômica, somente pela verminose gastrointestinal. Existem poucos registros sobre quando e como essa enfermidade foi introduzida em rebanhos ovinos do Sul do Brasil e Uruguai. É possível que o footrot tenha sido introduzido junto com a importação dos primeiros ovinos, pelos missionários jesuítas no século XVI. No Brasil existem referência (1) que a enfermidade passou a constituir-se um problema econômico sério a partir da década de 60.

Perdas econômicas

Existem poucas informações sobre o impacto econômico do footrot na indústria ovina da região. No Brasil (2) estima-se uma perda anual ao redor de 713 toneladas de lã, correspondendo aproximadamente a um milhão de dólares. Informações tomadas a campo, durante o encarneamento, em rebanhos comerciais da fronteira do Brasil com o Uruguai, mostraram que a percentagem de ovelhas vazias no grupo infectado com footrot foi aproximadamente três vezes maior (26%) que o grupo que não se tornou infectado no mesmo período.

Epidemiologia

Surtos de footrot ocorrem no Sul do Brasil e Uruguai, principalmente na primavera e início do verão, quando a prevalência da infecção pode variar de 20 a 70%. Em particular, as condições ambientais do Sul do Brasil, com uma precipitação pluviométrica mensal média de 70 a 170 mm e uma temperatura média entre 16 e 19 C, surtos de footrot podem ocorrer em qualquer período do ano, com talvez alguma interrupção no inverno quando a temperatura pode situar-se abaixo de 10 C. Surtos durante o outono são bastante comuns e associados com clima úmido, pastagem alta e manejo intenso devido o encarneamento e a inseminação artificial.

Observações sobre a prevalência do footrot em ovinos das raças Corriedale, Ideal e Merino Australiano no Uruguai (2) mostraram valores de 16, 17 e 16% respectivamente, sugerindo pequena diferença entre raças e, de certa forma, não confirmando afirmações campeiras de que a cor do casco influencia na susceptibilidade a enfermidade. Estudos realizados sobre a prevalência da enfermidade em diferentes classes de animais, realizados no Sul do Brasil(3), mostraram que a prevalência mais alta (31%) foi observada em carneiros, seguida de ovelhas velhas(21%), sendo que em ovelhas de cria e borregas a prevalência foi de 9 e 2% respectivamente.

Sete diferentes sorotipos de *Dichelobacter nodosus*, agente causal do footrot, foram isolados e identificados de surtos de footrot a campo no Sul do Brasil e Uruguai, não havendo praticamente grandes divergências entre as amostras isoladas nos dois Países (4 e 5). Os sorotipos A,D,E e F foram os mais comumente isolados. Os estudos da distribuição sorológica do *D. nodosus* ofereceu informações importantes para a formulação de vacinas para uso nessas áreas.

Medidas de controle utilizadas

O tratamento mais comum utilizado pelos criadores é o uso de formal (10%) ou sulfato de cobre em lavapé, sem apara de cascos ou mesmo segregação de animais infectados. Os resultados são bastante desanimadores, havendo uma certa crença popular que o footrot é inerente a criação ovina, não sendo possível o seu controle e mesmo a erradicação. O grande desafio do veterinário nessa área é, sem dúvidas, implantar um plano racional de controle levando em consideração as variáveis epidemiológicas da enfermidade.

Uma vacina polivalente oleosa preparada com os sorotipos mais prevalentes na área tem sido produzida comercialmente. Testes a campo com essa vacina mostraram que duas doses aplicadas com intervalo de 4

semanas produziám títulos de anticorpos de 1/5000, as 8 semanas. As taxas de proteção alcançadas foram de 80%. Embora a vacina esteja no mercado desde 1987, somente 6 milhões de dose foram comercializadas no Brasil e Uruguai. A limitação para o uso mais intensivo da vacina é alto custo da dose (USA\$ 0.08), associado a um curto período de imunidade ao redor de 16 semanas.

Bibliografia

1. Tellechea, F.B.(1987). In: A ovelha no sul, ovinocultura brasileira parte I, Rua da Praia Comunicações, p.p.75-82.
2. Ribeiro, L.A.O.(1994). Ovine footrot in Brazil and Uruguay. In: Proceedings IV World Merino Conference, Montevideo-Uruguay, p.p. 103-106.
3. Ribeiro, L.A.O.(1992). Avances en la prevención y control de foot-rot en Rio Grande do Sul. In: Enfermedades podales de los rumiantes, Editorial Hemisferio Sur, Montevideo, p.p. 119-126.
4. Ribeiro, L.A.O. (2000). Regional problems : South America pampas areas. In: Diseases of Sheep, Martin, W.B & Aitken, I.D., 3 Ed. Blackwell Science-London, p.p.446-449.
5. Bermudez,J., Piquet, M. e Barriola, J. (1983). Footrot ovino. Comprovacion de su agente etiológico en el Uruguay. Primeiras Jornadas Técnicas de la Facultad de Veterinaria. Montevideo, ROU, p.p.63.